

Assignaturas Trimestre \$900—Anno \$3500	Direcção e redacção de Augusto Britto.	Escriptorio da redacção Rua da Estrella, 54.
---	--	---

Revista Maranhense.

A ESCRAVA

Em um salão onde se achavão reunidas muitas pessoas distintas, e bem collocadas na sociedade, depois de versar a conversação sobre diversos assumptos mais ou menos interessantes, recahi sobre o elemento servil.

O assumpto era por sem duvida de alta importancia. A conversação era geral; as opiniões, porem, divergião. Começou a discussão

—Admira-me, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionista; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente seculo, no seculo dezenove! A moral religiosa, e a moral civica ali se erguem, e fallão bem alto esmagando a hydra que invenena a familia no mais sagrado santuario seo, e desmoralisa, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deo em sacrificio, o homem Deos, que ali exhalou seu derradeiro alento? Ah! então não é verdade que seo sangue era o resgate do homem! é então uma mentira abominavel ter esse sangue nos comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... não vedes o abutre que a corroe constantemente!...

não sentis a desmoralisação que a enerva, o cancro que a destroe?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ella é, e será sempre um grande mal. Della a decadencia do commercio; porque o commercio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seo trabalho é forçado. Elle não tem um futuro; o seo trabalho não é indemnizado; ainda della nos vem o opprobrio, a vergonha; por que de frente altiva, e desasombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o stigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um de entre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caracter que nos imprime, e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como victima—e o é. O senhor, que papel representa na opinião social? O senhor é o verdugo,—e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quizerdes prestar attenção, um facto que ultimamente se deo. Poderia citar-vos uma infinidade delles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz, e a victima.

E ella começou:

—Era uma tarde de agosto, bella como um ideal de mulher, poetica como um suspiro de virgem, melancolica, e suave como sons longiquos de um alaude mysterioso.

Eu scismava embevecida na belleza natural das aterosas palmeiras, que se curvavão gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o occaso em rapida carreira.

A ESCRAVA

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem collocadas na sociedade e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

—Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionista; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral civica ai se erguem, e falam bem alto esmagando a hydra que invenena a familia no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deu em sacrificio, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! é então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... não vedes o abutre que a corroi constantemente!.. não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destroi?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ella é, e será sempre um grande mal. Dela a decadencia do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Elle não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opprobrio, a vergonha; porque de frente altiva e desasombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime, e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como vítima - e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo - e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quizerdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta,

para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

- Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica, e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras, que se curvavam gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande mouta de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali quedou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei:

Quem será a desditosa?

Ja procurá-la - coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados.

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

- Inferno! maldição! bradara ele, com voz rouca. Onde estará ela? e perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

- Tu me pagarás - resmungava ele. E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, - não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? uma negra que se finge douda... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas. Já não tenho fôlego.

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, comreendi com horror.

De pronto tive um expediente. - Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade, que o caso exigia; - vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E dizendo isto indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

- Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

Então, perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, - foge sempre?

- Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é douda.

- Douda! Exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

- Douda... douda fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

- A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

- Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralizando não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cõscia de que ninguém me observava, e acercava-me já da mouta de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei instantaneamente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na fronte, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos, ele, e eu as vistas e ambos recuamos espavoridas. Eu, pelo aspecto comovente, e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora, despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

- Quem és, filho? O que procuras?

- Ah! minha senhora, exclamou erguendo os olhos ao céu, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de douda está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre.

Aquele homem é um tigre, minha senhora, - é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

- Amanhã, continuou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

- Escuta, lhe tornei então, tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

- Ah! minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

- Segue-me, disse eu - tua mãe está ali - e aponte para a mouta onde se refugiara.

- Minha mãe, sem receio de ser ouvido, exclamou o filho: minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

- Minha mãe, gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, e tomando-a nos seus braços. Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar. Olhou-o fixamente; mas não articulou um som.

- Ah! redargui Gabriel, ah! minha senhora! minha mãe morreu!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

- Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, - disse-lhe:

- Diga, minha senhora, tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, que devo fazer?

Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

- Sossega, disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; - espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.

- Diga, minha senhora, ordene.

- Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

- Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

- Tu, e estes homens - os criados acabavam de chegar - vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

- Oh! minha senhora, que bondade! foi só o que disse, e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse:

- Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

- Sigamos então, - tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: - recebia em meu lar dois escravos ~~bragidos~~, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abaltonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e boa, e prestei-lhe os serviços, que o caso urgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

- Minha mãe!... minha mãe, de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

- Carlos!... Urbano...

- Não, minha mãe sou Gabriel.

- Gabriel, tornou ela, com voz estridente. É noite, e eles para onde foram?

- De quem fala ela? interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

- É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoudeceu.

- Horror! exclamei com indignação, e dor. Pobre mãe!

- Só lhe resto eu, continuou soluçando - só eu... só eu!...

Entretanto a enferma pouco, e pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente embora, da natureza, com o extermínio.

- Gabriel? Gabriel - és tu?

- É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?

- Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, - tu, e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da-dó Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança, e grati-dão.

Sorriu-se e murmurou.

- Indá há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

- Há muita alma compassiva. retorqui-lhe, que-se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta:

- Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é escravo!...

E os soluços da mãe, confundiram-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era uma cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração. Ah! maldição sobre a opressão! maldição sobre o escravocrata! Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

- Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é para mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida, um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos.

- E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

- Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajuí?

- Não, tornei-lhe com convicção, estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho: não o conheço. É bom que colha algumas informações dele: Gabriel mas dará.

- Gabriel! disse ela - não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou:

- Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel, infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai, quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia, apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se - tinha eu cinco anos - e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou à meu pai, uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

- Toma, e guarda com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe:

- Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela idéia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava as lições. Ah! eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando.

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativo.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

- Ah! minha senhora, começou de novo, mais reanimada; apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; - olhe se ele for preso, morrerá debaixo do açoite, como tantos outros, que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim.

- Não, não há de acabar assim, - descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

- Ah! se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei!

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos - era um traficante de carne humana. Este abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu.

Eu tinha o coração oprimido pressentia uma nova desgraça.

À hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamen-

te meu coração; lembrei-me do traficante... corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mãe! mãe! mãe!

Ah! minha senhora! abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido a dentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

- Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

- Por Deus, por Deus, gritei eu tornando a mim, por Deus levem-me com meus filhos!

- Cala-te! gritou meu feroz senhor - Cala-te, ou te farei calar.

- Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: - meus filhos!... meus filhos!

Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a misera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado:

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos:

- Morta!

Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para as suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os páramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam do feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra, e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros, que, como ele, pararam à porta.

- Que pretende o senhor? perguntei-lhe. Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se, trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

- Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei:

Eu, e este desolado filho, ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo, e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de

homem; mas, recompondo de pronto na rude, e feroz fisionomia, disse-me:

- É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos.

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

- A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho?

É o que havemos de ver!...

João, Felix! E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

- Detém-te! lhe gritei eu. Estás sob a minha imediata proteção; e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

Insolente! nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, - miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa, uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dous filhas; menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mais ainda assim perseguia por seus implacáveis algozes.

Vai-te, e entrega-lhe este cartão: aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta de minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

- Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

- Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam.

Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, está por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror.

- Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

- Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

- Sei que esta negra está morta, exclamou ele, - e o filho arha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou,

olhando fixamente para o cadáver - esta negra era alguma coisa monomaniaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, o meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora este negro! - designava o pobre Gabriel, com este negro a coisa muda de figura; minha querida senhora, este negro está fugido: espero, mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

- Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado, - minha mãe, leva-me contigo.

- Tranquiliza-te, lhe tornei com calma; não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato - e depois perguntou-me:

- Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

- Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritados e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

- Sim, minha cara senhora, redargui, terminando a leitura; o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor; hoje qualquer individuo diz a um juiz de órfãos:

Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano - haja ou não a aprovação do seu senhor.

Não acham isto interessante?

- Desculpe-me, senhor Tavares, disse-lhe:

Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares, cumprimentou, e retrocedeu no seu fogoso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.

ENIGMAS

Se a caso continuardes
E teimardes,
A jurar que te acabei;
Estão podeis ficar certa
Minha es perla:
De louca te charnarei.

Setembro — 1861.

J. R.

— CHARADAS —

Se queres saber a historia
Pega no livro — E depois ? 1
Relativo, e conjunção
Dirão todos que vós sois. 1

Traste mimoso, e gentil,
A qu'as bellas valor daõ,
Quando importunos lhes fallão
Acham n'elle distraçõ.

Guimarães.

M. F. dos Reis.

Se comigo se ajuntar
Aia, em segundo lugar,
Ter-se-ha nome do que
No mar anda a roubar. 1

Se ao filho o pae quizer
Bom e humilde o chamar,
De mim se hade servir
Pra os termos animar. 1

CONCEITO.

De Pedro, dizem, me derivo
A seus filhos só era dado;
Hoje, porem, muitos outros
Tem-se comigo appellidado.

Cusoso de se me achar,
Não será certamente,
Visto que por cá estou,
Em lugar mui saliente. Serpi.

Decifração do Logogripho do n. passado 6
— Garibaldi.

Aviso.

Com este n. finalisa-se o 3.
bimestre deste pequeno jornal,
e rogamos aos Srs. assignantes,
a continuarem a coadjuvar-nos
com as suas valiosas assignatu-
ras.

Maranhão — Typ. — Conservadora —

CHARADAS

“A VERDADEIRA MARMOTA”

Temerosa nas sombras da atra noite;
Por que te occultas, sempre em pranto imersa?
Não negues. Foi amor, ódio ou vingança
Que a tal se reduziu?... Sorte adversa?

Foste ousado tecendo finas vestes
Com as vestes, que a outro pertencia
Lutando contra o fraco, lhe arrancaste
Tudo, tudo que ao triste pertencia.

Supões tu, que Tibério possuindo
De Belisário a filha, inda não estava?
Justiniano o julgou; mas ele o disse,
Que nada mais na vida cobiçava.

Na hibernal estação
Meu fogo conhecereis,
Longe do globo terrestre,
Sempre no céu, me vereis.

20 de maio de 1861

CHARADAS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Não era da sua lira maviosa
Quando a bela infiel canções tecias?
Mas, longe de tocar-lhe o duro peito,
Só no teu a paixão mais acendias. - 1

Mui doce para ti ele foi sempre
Enquanto a inconstante o não quebrou,
Perjura! a tanto chega a força humana?
Rindo sem pejo desligá-lo ousou. - 1

Tu alívio do que sofre
No peito angústia mortal,
Quanto és doce um só momento!...
Quanto mitigas meu mal!...

27 de maio de 1861

LOGOGRIFO

"O JARDIM DOS MARANHENSE"

Quatro sílabas encerra
Este nome portentoso,
Que já deu bons calafrios,
A um monarca poderoso.

Primeira e quarta, foi o tronco
Dumas tribos, quando Deus,
Falava aos filhos de Adão,
Como não fala hoje aos seus.

A segunda indica gosto,
Prazer, afeto, alegria,
Quem te vendo o faz contente,
Sente por ti simpatia.

Terceira, e quarta contêm
Em seu colo clara linfa,
Passeia pela morada
De formosa, e branca ninfa.

Vêde agora se decifras
O que fica aí escrito;
Prometo, se o decifardes
Que vereis o nome escrito.

Guimarães.

20 de setembro de 1861

CHARADA

"O JARDIM DOS MARANHENSES"

Se queres saber a história
Pega no livro. - E depois? -1
Relativo, e conjunção
Dirão todos que vós sois. -1

Traste mimoso, e gentil,
A que as belas valor dão,
Quando importunos lhes falam
Acham nele distração.

Guimarães.

30 de setembro de 1861

CHARADAS

"O JARDIM DOS MARANHENSES"

No fundo dos sepulcros eu existo,
Tudo o que nasce, se reduz em mim,
Os páramos desertos, empovôo;
Desde que há mundo, que eu existo assim.

E ninguém me acompanha! árida estrada
Cansado caminhar! Que afã - que lida!
Fui condenada pela sorte dura,
A passar deste modo a triste vida.

Sou como espelho, que reflete a imagem,
Mimosa e grata de gentil donzela,
No colo encerro diamantinos paços,
E em cada um deles, uma virgem bela.

Guimarães, 1861.

2 de dezembro de 1861

CHARADA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Entre minhas irmãs eu venho à frente - 1
Nome enganoso, tu que és na terra?
Às vezes quantas dores, tu ocultas,
Mas, teu poder a dor jamais desterra. - 3
Quanto meu peito por um fato triste
Lutuoso, dorido, aflito encerra?!... - 1

Um perene sorrir nos lábios mostra
Que és mimoso da sorte. Eu não te invejo.
No meu triste, e penoso caminhar,
Só termo aos tristes dias, hoje almejo.

12 de dezembro de 1861

CHARADA

ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS-1863

Cesar, Murat, Bonaparte,
Todo o monarca, eu começo;

Manda ao pobre, Deus, que o faças;
Por Deus, ah! bem que o mereço! 1

Deixar-me assim para sempre, 2
Por certo não apeteço.

És tu dalma uma virtude,
Por muitos desconhecida;
És tu adorno do sábio,
Esmaltes de sua vida.

Quando em lábios de donzela,
Vens no sorriso brilhar,
Oh! quanto és grata à minha alma!
Quanto te sei adorar.

És necessária na vida,
Todos te devem ameigar,
Sem ti, a mais bela ação,
Pode em vício transmudar.

Guimarães.

CHARADA

"ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS"

Consentes, anjo mimoso,
Que te renda adoração?
Virgem! virgem, tu permites?
Com doce e eterna efusão! 2

Eis a virgem malfadada -
Que inspirar não soube amor!
Que à minguia de esposo teve
Esposo pra sua dor. 2

CONCEITO

És de virgem nome grato.
Tão grato, que inspiras amor!
Quem te não dispensa afetos,
Eflúvios de maga flor!

Guimarães.

CHARADA

"ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS"

Quem te não ama? És de Deus,
Na terra - imagem querida;
E - se nos faltas, que prantos,
Que mágoas enluta a vida!...

Se penso triste, abatida,
Se sinto amarga aflição,
Eis em ti fixada a vista,
De pranto turvada então.

CONCEITO

Quantos crismes originas,
Quando em vício degeneras!
Quanto pranto, quanta dor,
Quantas mágoas tu nos geras.

Cegas aos tristes mortais,
Aos pés abismo lhes cavas,
E derramas em torrentes,
No peito incendidas lavas.

Mas, assim - qual o vivente
Que te não ama uma vez?...
Que não te afague em transportes,
Que não se curve a teus pés?!...

Guimarães.

3º Ano - 1868 - maio

ÁLBUM

mesmas manifestações literárias
Se há um dom no dos valores humanos

→ rumo à obra mais
a partir de uma
visão subjetiva

Gótesco: enredos sobrenaturais
ambientados em cenários sombrios
como castelos, ruínas e penhascos.

Ultra-romantismo: influenciado pela
literatura gótica → terror, morbidez,
drama.

- vítimas do destino
- melancolia
- desejo de evasão
- recordação de um passado longínquo (p. não tiveram)
- reflexão da vida (título)

Gótesco

9 de janeiro de 1853

Dia este que há de ser eternamente gravado em minha mente.

o o o

UMA LÁGRIMA SOBRE UM TÚMULO

Era a hora do silêncio e do repouso, hora mágica - misteriosa - grande - sublime - majestosa como Deus! Triste, malancólica como a imagem do túmulo... porém que ^{ooo} para a minha alma, por isso que minha alma ama a melancolia!... E eu te saudava hora mágica - e sublime!!! E eu subia no cume do rochedo... E tu eras grande - e misteriosa como o mesmo Deus!!!...

Doze horas soaram... A noite estava silenciosa - e erma. E eu estava sobre o cume do rochedo... Era o silêncio dos túmulos que aí reinava!!! hora santa - e respeitável, como a imagem de Deus - eu te saudava!...

Ao longe Álcion gemia, gemia, sobre as águas - e o mar mansamente beijava as cavidades do rochedo. Mas o rochedo estava imóvel porque à voz do Senhor ele se havia erguido: - e esta voz que o erguera, brandamente soava no murmúrio da viração.

(*) E eu chorava porque a meus pés estava um túmulo!!! E as estrelas que prateavam a abóbada celeste, - e o mar que alvejava no seu leito, - e a brisa do Sul que me rociava as faces, - e o verme, que se arrastava para a sua presa, - e o orvalho que se pendurava das ramas - estavam mudos e tranquilos. Só eu tinha o coração oprimido por isso que a meus pés estava um túmulo!

E ninguém partilhava a minha dor!... E os raios da lua começavam a pratear as águas... e um branco sudário se desdobrava, sobre a terra ainda revolta da sepultura. Mas a lua passava e o sepulcro já era tudo sombras: - e minha dor prosseguia, sempre ainda, sempre crescente!!

Oh! Sim!... E para sempre escondida aquela que eu tanto amara!... Eu chorava... No silêncio da noite, minha dor, tocava a desesperação... O mar desdobrava-se a meus pés, - as estrelas cintilavam, sobre minha cabeça, - a viração andava em torno de mim. Deus se me revelava em cada um daqueles objetos. Oh! eu amo a Deus porque Ele é justo, - santo - e onipotente.

No auge da minha desesperação, deixei o rochedo. Indignou-me ver tudo tranquilo - tudo indiferente à minha dor. Deus! Ajoelhei sobre a terra ainda revolta do sepulcro, e meu espírito sentiu amarga consolação. Por que? Por que Deus amerciou-se de mim. Eu chorei sobre a sepultura mas era um pranto já mais resignado...

Eu a tinha visto morrer, e não tinha desesperado. No auge da minha

dor, soltei uma blasfêmia... mas o arrependimento apaga a nódoa do pecado - e eu senti renascer em meu coração sentimentos mais dignos do meu Deus. Ele me havia perdoado.

E eu que tinha visto seu corpo fugir-me, atendendo a voz do sepulcro, que o reclamava... e eu que vira seu espírito abandonar-me por que à voz do Senhor... pude ver, e não desesperei?!!

Oh! Deus!... Deus... de Ti veio-me o bálsamo de resignação.

Mas ao silêncio, sussurra a hora da arvorada, - e minhas lágrimas corriam mais suavemente. A resignação ~~entrara~~ entrara em minha alma. O amargor estava ainda em meu coração, - mas a hora que aprazia a minha alma havia já passado.

A noite já de todo havia desaparecido; - as flores desabrochavam meigas, e risonhas, - ao volutuoso bafejo da manhã: eu já não tinha lágrimas, por que o Senhor as trocara pela resignação.

Então, entoei um hino ao Deus dos Exércitos... Minha alma exalou um suspiro de saudade, - e circudei de flores o túmulo da que tanto amei!

A hora do silêncio tinha passado, e eu por um instante duvidara da bondade eterna, consolidava já meu coração na crença do seu Deus.

E cessei de chorar porque o seu espírito estava em Deus!!!

Maria Firmina dos Reis

20 de maio de 1853

Eu as vi... eram duas virgens, duas virgens, meigas, belas, sedutoras, oh! ainda as vejo!... Teresa... Alexandrina.

Foi um momento de prazer que me concederam, mas esse momento ficou gravado em minha alma.

Seus rostos inspiram a mais doce, e meiga simpatia, mas que é o físico em relação à alma?... Sim, é por sem dúvida transunto fiel da pura ingenuidade de suas almas.

Teresa, meu coração rendeu-se inteiro nos teus encantos... Minha alma simpatizou com a tua, - minha dedicação, meu afeto, meu amor para ti será eterno.

São Luís, 19 de junho de 1856

É preciso que neste álbum eu escreva uma lembrança a fim de a minha terna, e querida amiga, quando lançar os olhos sobre o caráter destas letras, se recordar do quanto a amo. Oxalá que ela sempre esteja presente na memória da minha amiga, como fica gravado no meu coração o seu belo retrato:

Trarei teu nome gravado
Dentro do meu coração
Pois por ti só concebi
Amor, sincera afeição.

Estas linhas que escrevo
Só querem dizer "Maria"
Delas só me esquecerei
Debaixo da campa fria.

Maranhão, 22 de julho de 1856

Teresa de Jesus Cabral

Oh! dia 10 de agosto de 1858... como és para mim de dolorosa recordação!! Foi neste infausto dia que a morte me roubou uma terna, e afetuosa amiga! Ana Joaquina Cabral Viana, como eras cara ao meu coração!! Uma lágrima sobre a sua campa!

Uma lágrima de saudade à memória da minha jamais chorada amiga D. Ana Joaquina Cabral Viana

rosa de amor - rosa purpúrea e bela

Quem entre os goivos, te, esfolhou, da campa?!!

C. por Garret

Morreu! já não existe!!! Lágrimas tristes, pranto de sincera, e amarga saudade. orvalhai-lhe a campa! Meu Deus! como a morte é cruel!!! Suas graças.. sua amabilidade. sua extrema doçura não a poderão comover!!! Ah! ainda a vejo no gozar da vida, já tão exígua. já tão próxima do sepulcro. e inda assim tão bela... tão risonha. tão cheia de encantos... era como a estrela da arvorada bela ainda até ao último lutar com o resplendor da dor: mas a morte adejou em torno dela. e nós perdêmo-la para sempre. A terra lhe seja leve!!

o o o

Otávia, nascida a 20 de fevereiro de 1858 - andou a 28 de dezembro do mesmo ano.

Principiou-se a obra da casa das órfãs Edeltrudes, e Juliana a 18 de setembro de 1860.

UM SUSPIRO... UMA RECORDAÇÃO!

Como são incompreensíveis os Juízos do Altíssimo! meu Vicente, na flor dos anos... arrebatado à vida por uma morte súbita, e inesperada! Meu Deus era o dia 15 de fevereiro. Eu o vi morto, e meus olhos não acreditavam! Sofri uma ^{ooo} dor; mas resignei-me; porque foi a vontade de Deus!...

Guimarães ^{ooo} 1859

UMA LÁGRIMA!...

Era o dia 19 de abril, um formoso sol brilhava sobre os campos do céu, e os raios vívidos e luzentes aqueciam docemente a ervinha do prado: mas meu coração estava aflito; porque na minha alma havia dor pungente. Minha pobre Avó! Caíste como o cedro da montanha, abalado em seu seio pelo correr dos séculos.

Uma lágrima sobre a tua campa! porque a sua memória será terna em minha alma. Adios, até o dia em que Deus nos houver de reunir para sempre.

Guimarães 19 de abril de 1859

(*) Hoje tenho o coração oprimido... é incompreensível o que sinto! tenho amarga melancolia!

Guimarães

24 de setembro de 1860

Permiti, Senhor meu Deus, que o dia de amanhã me seja mais cheio de esperanças, e de felicidades; porque eu vos louvarei como os anjos.

Guimarães

25 de setembro de 1860

Ainda hoje acabrunha-me a mesma melancolia, ou cada vez ocultava mais, e cresce e duplica de amargor. Há no fundo da minha alma o que quer que seja, que derramando-se por todo o meu corpo, entorpece-me os mem-

bro's e curva-me a fronte para o sepulcro. Sepulcro... Sepulcro, se para mim não tem jamais um dia de esperança, e de amor, um dia de sensações mais poéticas, e menos amargas, quando o teu silêncio me arrebatava!!!

Eu não amo a vida; porque ela é a vida de gozos, e de felicidades; amo-te, oh! sepulcro; porque em ti se ^{ooo} esquecimento e repouso.

Guimarães 26 de dezembro ^{ooo}

Raiou, enfim um novo ano; mas a luz do sol do seu primeiro dia, não esclareceu as trevas, nem abrandou as dores do meu coração. Oh! te saudo novo ano; mas, tu não trouxeste a esperança à minha alma!... Serás não impassível ao meu sofrer, como foi teu irmão?... Será o derradeiro da minha vida!! Meu Deus eu estou resignada. Bendito sejas; porque me ensinaste o sofrimento!

s 5 d

Sexta-feira 11 de janeiro, dia em que viemos habitar esta casa. Deus permita que nela eu seja mais feliz e que a tranquilidade visite o meu coração. ~~Deus~~ Senhor a vossa graça sobre nossas cabeças. Amém.

siada ↗
(*) Não tentarei contra os meus dias, seria um crime contra Deus, e contra a sociedade; mas almejo a morte. Perdoai-me Deus de misericórdia! Mas a vida é-me assaz penosa, e eu mal posso suportá-la. O mundo é áspero e duro; mas não me queixo do mundo nem de pessoa alguma. Minha compleição é débil, minha ama alma sensível ^{ooo}; meus desgostos são filhas de meus caprichos. Só vós, Senhor, me compreendeis: porque me geraste; só vós podereis perdoar!

Guimarães 2 de fevereiro de 1861

(*) O descanso de uma vida consumida, encontra-se na sepultura. O esquecimento das dores humanas, só ela oferece. Eu quero um dia de repouso, um dia de esquecimento. Campa!... campa, eu te saúdo.

Guimarães 26 de fevereiro de 1861

Raimundo Guimarães Augusto Ermes de Sarmento nasceu a 28 de Agosto de 1861. Doroteu embarcou para a capital com comadre Eulália a 23 de setembro de 1861.

RESUMO DA MINHA VIDA

I

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores, que minha avó cultivava com esmero talvez; por isso eu tanto ame as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã, e uma prima querida, foram as minhas únicas amigas de infância; e nos seus seios eu derramava meus melancólicos, e infantis queixumes; por-ventura sem causa, mas já bem profundos.

II

Mas a infância passou, como passa para todo homem, e eu tive mais vigor e minha vida adquiria mais forças; meu coração como que expandiu-se um pouco, vívidos raios de sol da adolescência. A mulher é como a flor, esta sonha meiguices ao despertar do sol, porque o sol que surge há de afagá-la, sorrir-se ^{ooo ooo} de felicidade sem lembrar-se a pobrezinha que esse viver de deleites é dum momento, e que esse mesmo sol, que tão docemente a seduziu em seus transportes amorosos com suas faiscas ilusórias, vai-lhe roubando a vida, e os encantos. Aquela no desabrochar da vida cisma um futuro radiante, e belo, belo como o céu. Eu experimentei já essa doce ilusão que mais faz amargar os últimos dias da existência. Era um débil e transparente véu que estava ante meus olhos, rasguei-o, vivi um deleitável paraíso, que me seduziu, e que me enlevou, que me transportou; da minha melancolia infantil, passei insensivelmente a um meigo olhar inocente de felicidades. Ah! por que tão depressa fugiste. Ah! por que fugiste idade única da vida, em que eu pude sonhar esse sonho que o poeta inveja, em que pude gozar esse gozo puro que assemelha, que arreda a bem-aventurança dos anjos!...

Passou, e embalde, embalde ainda a procuro. O que foi que tão depressa me fez esquecer os meus sonhos da adolescência, o meu gozar dos anjos? Quem se atreve de novo a cerrar sem piedade esse véu que débil, na infância, me ocultava o paraíso, e que agora ainda se tornou mais espesso,

mais negro e compacto.

III

O mundo! Esse espelho impassível, cruel ^{ooo} desfazer as nossas mais gratas; mais lisonjeiras esperanças! A sucessão dos anos apagou-me o fogo do coração, resfriou-me o ardor da mente, quebrou na haste a flor de minhas esperanças. Que porvir tão belo imaginava eu no doce delirar de minhas idéias! Nos meus sonhos mentirosos que futuro radiante se me antolhava! Ah! Tudo, tudo uma cruel realidade. Destruí-o para sempre. Tudo: meu coração outrora tão ardente, hoje apenas sinto-o levemente estremecer no meio do gelo, que o circunda. E os poetas dizem: "O amor vivifica os corações - o Amor é a felicidade da vida, é a vida da nossa existência: talvez. Amei eu já acaso? Não sei. Amor - acrescentarei eu, é uma paixão funesta - é o amor quem espreme no mundo tanto fel, tanta amargura, é quem torna a vida peso insofrível, por demais incômodo. Amor que abre ao homem a senda do prazer e da vida é também quem cerra sobre ele a lousa da sepultura. Entretanto o amor é tão necessário ao coração do homem, quanto o ar é necessário a vida. Amor, amor, deixemos aos poetas esse dom celeste e infernal, doce e amargurado, inocente e criminoso; não amemos-nos. As ilusões fugiram, fugiram as esperanças, que me resta pois? Uma mãe querida e terna, uma irmã desvelada e carinhosa. Ajudada por elas arrastarei o peso desta existência até despenhar-se na sepultura. Porque me dás o sofrer, eu te bendigo, porque me permitiste a recordação de um passado mais venturoso! Oh! quantas vezes reclinada a fronte escandecida, sobre a mão gelada pela dor, eu lembro esses dias de infância que passei no regaço de minha mãe, e entre folguedos tecidos por mim, e por minhas duas amigas, folguedos, que começavam para mim com um magnético encanto, e que logo se iam tornando tristonhos e melancólicos, como minha alma, e que terminavam por um choro doido, suposto que sem causa. Meu coração sentia naquele chorar um amargo prazer, sentia uma dor, que ainda querendo, não o saberia explicar: ainda assim eu era feliz! Ou então toda entregue a um profundo desalento, quanta vez, meu Deus, a mente vai buscar yodas essas fases da vida por que tenho passado! Esses ligeiros anos de esperanças, e de gozo; e depois estes compridos e insofríveis anos de amarguras, de tédio, de desgotos, de dores, não imaginárias como a infância; mas fundadas em outras dores, filhas de grandes e muitos sofrimentos. Vida!... Vida, bem penosa me tens sido tu! Há um desejo, há muito alimentado em minha alma, após o qual minha alma tem voado infinitos espaços, e este desejo insondável, e jamais insastifeito, afagado, e jamais saciado, indefinível, quase que misterioso, é pois sem dúvida o objeto único de meus pesares infantis e de minhas mágoas. Eu não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas, e dias inteiros, que aborreço a mim própria.

Que será pois o que sinto? Amo, a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo mágico da tarde, a brisa aromatizada da manhã; amo as flores, seu perfume me deleita; amo a doce melodia dos bosques, o terno afeto de uma mãe querida, as amigas de minha infância, e de minha juventude, e sobre todas estas coisas amo a Deus; e ainda assim não sou feliz, porque insondável me segue, me acompanha esse querer indefinível que só poderá encontrar satisfação na sepultura.

o o o

Renato - creio que assim se chamará o pequeno órfão que recebi para não mais aleitar. Inocentinho, coitado! Nasceu a 6 de dezembro de 1862. No dia 11 do mesmo mês Deus foi servido para seus insondáveis mistérios chamar-lhe a mãe. Foi no dia 17 do mesmo setembro que me vieram entregar. Deus e a Virgem Santa o protejam.

Sinhá ignora o nome ainda, o nome que terá na pia batismal a inocentinha criança que me foi confiada por pessoa que por ela se interessava em Alcântara, a 30 de janeiro de 1863. Talvez um dia a reclamem seus pais: foi essa a condição com que me confiaram.

Renato! Renato, meu filho adotivo, meu pobre anjinho, já não existes!... Que fatalidade, meu Deus!... É duro ver-se morrer aquela a quem se dedica afeição quase materna. Dez dias de sofrimento... dez dias, Renato, pobre florzinha açoitada pelo furacão quebrou na haste ainda tão débil e tão mimosa... Renato era um anjo que vagava entre nós, e que de novo remontou ao Céu ileso das dores da vida inseparáveis da existência... e ainda assim eu pranteio? Que loucura! Perdoai-me Senhor; mas, me criaste tão fraca, tão sensível à dor!!! Saudades! quantas não tenho eu dele?! dessa nivea florzinha que foi abrir seus cálice nos jardins do Céu!... Garça que pousou na terra, reerguendo-se novamente às regiões do espaço, sem tocar no lado impuro do mundo! estrela da arvorada eclipsada na terra pelos vívidos raios do sol da terna bem-aventurança; nuvem de incenso que se filtra nos céus aromatizados e puros. Anjo! Anjo de Deus aceita em tributo de saudade uma lágrima bem sincera, nascida do coração. Nos teus folgedos divinos, no teu constante gozar, lembra-te de minhas saudades, e eleva, prostrado aos pés do Altíssimo uma súplica fervente em favor daqueles que te acolheram e te dispensaram afetos.

Guimarães 000 junho de 1863

A UM ANJO

Voaste, meu anjo, qual nuvem de incenso, em gratos perfumes ao trono do Imenso.

Com risos assumes mais grados queixumes, de quem te adorava, os campos, os prados, de etéreas alturas! tu garça inocente, folgando contente, rival nos agrados aos anjos croados com as flores dos Céus, aos pés do Senhor, nas harpas mimosas, canções sonoras... entoam ao seu Deus!... O' desce um momento, meu anjo de amor, e traz-me um sorriso que abraque o tormento de meu coração!

Fragrância da flor do meu paraíso se infiltre em minha alma, frescura na calma consolo à aflição.

Guimarães 000 1863

Sinhá sentou-se com 5 meses e começou a desmamar-se de noite de 23 julho de 1863.

Sinhá deixou de mamar em Guilhermina desde os meados de setembro, e a engatinhar a 27 deste mesmo mês.

Sinhá deixou completamente a mama em fins de outubro do mesmo ano de 63.

Sinhá começou a andar no dia 17 de janeiro de 1864.

Sinhá batizou-se ontem, 2 de fevereiro de 1864 na igreja matriz desta freguesia. Foi chamada Maria, na pia batismal - foram seus padrinhos, o Dr. José Mariano da Costa, e eu própria M. F. dos Reis. Acrescentarei que o dia 2 de fevereiro foi 3ª feira, e que ela recebeu o batismo às cinco horas da tarde, sendo-lhe este Sacramento administrado pelo Revmo Pe. Francisco José Cabral.

Guimarães, 3 de fevereiro de 1864

Foi seu viver um lutar contínuo com a morte: e a morte triunfou e morreu Benjamim na aurora da vida! Morreu no dia 27 de fevereiro de 1864 depois de longo e bem penosos sofrimentos. Deus se apiade de sua alma - a terra lhe seja leve.

(sem data)

UMA LEMBRANÇA

Ontem 23 de abril de 1864 pelas nove horas da noite, recebi o beijo de despedida de uma excelente amiga - D. Francelina Leopoldina Monteiro da Costa. Foi com profunda saudade que os vi partir... e a recordação de sua bondade, e da de seu consorte, e um doce sentimento de amizade, de simpatia, e de sincera afeição, gravada em minha alma, existirá para sempre; triste, mas doce companhia dum bem profunda saudade.

Guimarães 24 de abril de 1864

Partiu finalmente o Dr. José Mariano da Costa a 30 de abril de 1864 pelas oito horas da manhã. A partida deixou-nos saudoso: é vácuo imenso - o vácuo que deixa um bom amigo - Que ele, meu Deus, que sua mulher encontrem em Alcântara as simpatias, a amizade, as afeições que souberam cobrar aqui, de que são tão dignos. É sempre bem penoso ao coração sensível a partida de um amigo que sinceramente nos interessa. Minha alma pois tem sofrido profundamente as saudades da separação - Saudades! - gosto amargo de infelizes - A. G. Permiti, meu Deus, que um dia eu os torne a ver...

30 de abril de 1864

Foram-se as amigas queridas do meu coração... Foram-se, e para bem longe! D. Sabina, D. Anica, D. Emília - uma família inteira... a toda ela amei por simpatia, por afeição, e hoje vejo-a seguir seu destino para Alcântara, deixando meu coração magoado de saudades as mais profundas. Nossa intimidade, nossos afetos tão doces, tão recíprocos, a separação veio interromper, mas não cortar: embora venha ser doída essa separação, a ternura que lhes dedico as seguirá por toda a parte onde acaso a sorte te as leve. Meu Deus, fazei-as felizes, Senhor - são os votos que hoje vos dirijo - e que jamais me esqueçam, como jamais me esquerei delas.

Guimarães, 10 de junho de 1864

A MINHA AMIGA Terezinha de Jesus

Pago-te em verso o que te devo em ouro

Beijar-te... ouvir-te a voz divina e pura
Mimosa criatura - anjo de amor!
É gozo que extasia a minha alma
Como oásis na calma - em longo error.

Mimo celeste que vieste ao mundo,
Lodo jucundo, - sedutor e santo!
Teu riso anima melindrosa fada
Por Deus mandada pra estancar meu pranto.

Não vieste, bela, a me inspirar poesia
Nessa harmonia de beleza, e canto?
Não sentes a alma que teu peito aninha,
Que a alma minha ^{ooo} tributa ^{ooooooooo!}?

Sabes, tu sabes que me peito apuro
No afeto puro - que te hei votado:
Que sonho extremo para ti - ledices
Que de meiguices eu te hei cercado.

Mulher, encanto desta terra amena,
Visão serena - ao despertar do dia,
Que em branca nuvem, com roupagem d'ouro
Desce; - tesouro - de imortal poesia.

Anjo que ao sopro matinal despreende
O vôo; a acende - do turib'lo o incenso
Que ondula brando derramando aroma
E ao trono assoma - de Jeová incenso.

É meu empenho compreender teus cantos,
Que encerram encantos - de celeste amor.
Sonho os mistérios devassar dos Céus.
Anjo de Deus - no teu mimoso odor.

Guimarães 19 de novembro de 1865

Cortou-se o cabelo de Sinhá no dia 9 de janeiro de 1874

AO SENHOR RAIMUNDO MARCOS CORDEIRO

Dou-vos aqui, Senhor, o lugar que mereceis. Aqui neste livro íntimo, onde só tenho estampado os nomes sacros que mais hei amado no mundo: - a quem tenho confiado os mais ardentes e os mais profundos sentimentos de minha alma - as mais doces e as mais dolorosas - aqui estais vós.

Bem compreendeis o que é um álbum - são as páginas d'alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança - saudade, ou dor, eis o que ele significa.

Pois bem é nele a par do nome venerando de minha mãe que estampeio o vosso - é que eu vos consagro uma parcela daquela ternura com que eu a amava - é que a ausência dum amigo tão caro deixa-me uma parte da saudade que ela me deixou...

Compreendi pois toda a grandeza da minha amizade.

Agora que ides deixar Guimarães, e os vossos amigos, recebi a minha despedida nestas frases singelas com o afeto que vos consagro. Estais no começo da vida; largos horizontes se vos antolham, que eu antevejo

risonhos e felizes: - para mim passou já essa quadra da vida, toda cheia de ilusões floridas, e de esperanças mais ou menos enganadoras; mas ainda assim belas!!! Que me resta pois? Um coração vazio de amor - uma alma transbordando de afetos ingênuos, puros como os beijos de uma criança - e esses afetos puros assim, e sinceros como a minha alma eu vo-la ofereço, que os mereçais.

Guimarães 31 de janeiro de 1869
M. F. dos Reis

UMA SAUDADE - No Álbum da Exm^a. Snr^a D. Maria Firmina dos Reis

Aqui junto a um santo nome.
Foi que me deste um lugar,
No teu álbum... oh! se eu pudera
De flores ele adornar!...

Mas, Senhora eu te agradeço
Essa prova de amizade,
Esses tão puros afetos
Essa tão santa saudade.

Deixo-te aqui terno - adeus,
Gravado de coração,
É saudoso... triste como
Dum filho a separação;
Merencório como a noite
Do pescador, a canção.

"Nestas folhas perfumadas,
Pelas rosas desfolhadas
Dos teus cantos de amizade,"
Deixo um - adeus magoado,
Todo de pranto banhado,
No teu álbum, - uma saudade!...

Raimundo Marcos Cordeiro

O QUE É A VIDA?

Que é a vida? Será acaso a vida o respirar, o sorrir no trocar de cumprimentos banais e quantas vezes frívolos... o banquetear com aparato regularidade, com suntuoso luxo dos amigos, algumas vezes tão indiferentes, e alheios aos sentimentos de afeto, e de amizade que lhe votamos, e até estranhos à gratidão; por que, depois de termos colhido os nossos sinceros afagos vão cuspir sobre eles, seu sorriso de escárnio?... Será isto vida? Não. Ou será então o deslumbrante, e sedutor aspecto de um salão dourado, cujo ambiente perfumoso pode encher o coração de mágicos transportes...? será aí onde as flores de um buquê furta-se um beijo de leve, volutoso... será os sons de orquestra afinada, que arrebatando os sentidos enleados vai de envolta com um bruxulear de magníficos candelabros excitar desejo, despertar idéias, acender no coração um fogo, que logo abrasando-o rapidamente se esmorece, e morre ao último som da derradeira polca - ao último luzir da reverberante iluminação da sala...?

Ou será a vaidade satisfeita pela posse de um rosto que a natureza adornou com a perfeita formosura dos anjos - uns olhos onde se retrata toda a beleza da alma, uns olhos que falam de amores, desses que o mundo procura em vão conhecer e que parece que só devem existir em Deus; porque o mundo é assaz pequeno para contê-los - uns olhos que são um orgulho de quem os tem, e a inveja viva de quantos a rodeiam? Será talvez tudo isso: - mas eu o nunca vivi; ou se vivi, compreendi a vida por outros desvios, por outras sendas, por onde nem todos passam. Penso e sinto: meu sentir e meu pensar não os compreende ninguém; porque também a ninguém os revelo.

(*) A vida para mim está nas lágrimas. Amo as que verto na amargura pungente de minhas ternas desventuras; com elas alimenta-se minha alma, elas acalmam o rigido meu destino.

Lágrimas! lágrimas... Elas despontam cristalinas, e brancas no berço do recém-nascido, elas nos seguem amargas e pungentes no caminhar da vida ao túmulo; e ainda na derradeira agonia, nem uma lágrima silenciosa, como um adeus à vida serena a ardência das faces requeimadas pela febre da gangrena.

Eu amo as lágrimas...

Elas têm sido as companheiras da minha árdua e penosa existência; é nelas que tenho achado meu conforto, nela é que me hei estribado para chegar ao breve termo da minha longa peregrinação... Amei-as na infância, porque elas embalavam-me docemente em ilusório sentir; eu as invocava por simpatia. Depois amor - e o amor - não pode vigorar sem lágrimas.

Elas me sorriam nessa quadra poética da existência, que para mim passou tão breve! elas vinham dos olhos do seio, como a gota filtrada na

rocha, doces e voltuosas banhar-me o coração com sua inefável fresqui-
dão.

E quando a mão de Deus mandou que esse amor tão belo cedesse ao
sopro álgido da morte oh! essas antigas companheiras colocaram-se cons-
tantes a meu lado; e como orvalho sagrado, ela de então para cá jamais
cessaram de umedecer a estéril, e poeirenta senda que tenho vagamente
percorrido.

É então que fiz das lágrimas um sacerdócio, - é quando conheci então
que a vida está nas lágrimas... Triste do homem que não as tem...

Guimarães 15 de junho de 1873

LÁGRIMA NUM BAILE

Ontem eu assisti a uma pequena, mas bem animada reunião. Valsavam
os pares alegres, e risonhos; mas no fundo dos corações, quanto fel-
quanta amargura! A máscara do rosto, quantas vezes encobre um vértice
de dores, e de desesperanças!!!

Eu a vi com as lágrimas nos olhos sorrir-se para o cavalheiro, que pro-
curava pesquisar no âmago de sua alma, o martírio que a todos cuidadosa-
mente ocultavas.

Era uma linda e, e interessante menina, e já nos verdor dos anos, o fel
de tantas dores...

Da aurora no desabrochar, mísera flor... vergou na haste, e esta reclinou
a fronte amarelecida pelos beijos do vendaval!

Pobre flor que emurchece antes de exalar seu dulcíssimos perfumes! ...Essa
lágrima para todos desaparecida coousse-me até o íntimo da alma. Eu não pu-
de furtar-me a partilhar aquela dor tão cruciante, que malgrado seu se vinha re-
velar no meu ^{ooo} baile

(16 de junho?) de 1873

DESPEDIDA

Ontem um baile, hoje uma despedida! O Sr. Alfredo Rodrigues de Melo
é um moço de qualidades distintas; - simpático e amável, dotado de instin-
tos nobres: - é um perfeito mancebo; a quem a sorte parece aprazer-se em
perseguir. Geralmente estimado pelos que o conhecem; - amado, quem
sabe? até o delírio pela mulher de suas afeições, é contudo mísero ludíbrico

do destino. O mundo é um enigma!...

Ele deixou-nos hoje, - e só Deus sabe até quando... Eu lhe desejo uma
melhor sorte, uma sorte digna dele.

Foi-se! deixou as plagas que o viu nascer, - e nelas quem sabe? os des-
roços de sua alma apaixonada; - os fragmentos de um coração
despedaçado por contrariedades, e amargas decepções!... Eu que tanto o
prezo, e que por ele me interesso, voto a Deus, pela sua felicidade. Que
possa esquecer tudo, até terra...

17 de junho de 1873

Ontem eu senti uma tão profunda, e tão completa satisfação, que
embora intentasse eu descrevê-la, jamais o poderia fazer. Cousas há que se
tornam impossíveis; esta é uma delas.

De joelhos, meu Deus, eu vo-la agradeço... Só vós sabeis o que eu
senti... Só vós... Poderei eu explicar o que é a - simpatia?

"Simpatia é quase amor" disse C. Abreu. Pode ser: menos ardente e
terno; mais sincero e mais grato. Simpatia é um sentimento espontâneo,
nasce do momento, como o amor; mas não se ligando a interesse algum;
faz o sacrifício de si própria, acha em si mesma seu alimento; - não
desmaia, não empalidece, não morre.

Simpatia são as auras suavíssimas dos jardins de Deus; são acentos
melancólicos das harpas celestes, quando aos pés do trono de Sabar as
anjos entoam seus maviosos e cerúleos trinos.

Simpatia é um afeto imenso, - alimenta a alma, corrobora as crenças
amortecidas, vigora o coração enfraquecido pelos embates da desventura.

É uma nuvem rosada que surge em meio da cerração.

É a simpatia que de há muito votei a Raimundo M. L. que me deu for-
ças para segui-lo de perto em todas as fases de sua vida: que me levou ao
dulcíssimo prazer que ontem experimentei, e que há de deixar sempre em
meu coração.

Eu vi-o unir-se ontem, pelos sacrossantos laços do matrimônio, a uma
virgem cândida, e pura como um anjo de Deus.

Ele era feliz; eu não podia deixar de o ser; porque a simpatia que lhe
voto, me obriga a partilhar seu prazer; e que Deus o preserve delas suas lá-
grimas; se as lágrimas um dia brotarem de seu coração.

Meu Deus, lançaí sobre sua cabeça e sobre a cabeça de Matilde - sua
esposa, todas bençãos do Céu!... fazei-os provar na terra, desde a juventu-
de, até a mais remota idade, todo o enlevo de que gozam os vossos escolhi-
dos.

Escutai-me a súplica fervente, que fiz aos pés do altar, que hoje renovo.
Que eles sejam felizes!... Por única recompensa de todo o meu afeto, só pe-

ço que eles compreendam minha desinteressada dedicação. Sou feliz.

Guimarães 27 de junho de 1873

Vou dedicar esta página à memória de Vicente Cabral.

Dirá alguém talvez: "Que relações de amizade prendiam-te a ele?" Bem poucas, quase nenhuma, responderei eu. Mas, se o meu álbum, em algum dia, depois de minha morte, puder merecer a atenção de alguém, ele levará à posteridade o nome de uma pessoa estimável como era Vicente Cabral.

Morreu no dia 4 de janeiro de 1874.

De nascimento obscuro, foi contudo querido e estimado dos seus conterrâneos; e assaz pranteado por seus amigos no dia infausto de sua morte.

Eu que também lhe dedicava estima, e que lhe era grata, procuro salvá-lo do olvido escrevendo seu nome nas páginas deste álbum.

A terra lhe seja leve.

5 de janeiro de 1874

No dia 4 de maio Miguel entrou na escola de primeiras letras do professor Daniel Vitor Coutinho. 1875

No dia 15 de fevereiro de 1876, Guilhermina e Miguel embarcaram para a capital na canoa (deixou o espaço em branco para colocar o nome da canoa) e chegaram no dia 16 do mesmo mês.

CAETANA

Deixa gravar o teu nome neste álbum, como lembrança indelével da amizade que te consagrei!

Hoje que na ampulheta do tempo caiu para ti o último bago, - hoje que a mão da morte gelou teu peito, e cobriu com seu manto de lividez tua fronte bafejada apenas pela fragrância das vinte primaveras, hoje que sobre o ergástulo de tua alma cândida, verto uma lágrima de saudade, mas que tu não correspondeste com outra lágrima, ao menos lá do seio do Senhor acolhe a expressão sincera da minha saudade.

Foste filha, esposa e mãe; mas cortada em flor a tua existência, és hoje presa dos vermes!

Há já dois anos que te abandonei, meu pobre álbum... por quê?

Não to direi hoje; mais dar-te-ei o motivo.

Se eu tivesse uma lira nela ia cantar as belezas desta tarde.

Não tenho...

Mas eu te saúdo oh! tarde doce, e melancólica como um sorriso deslizando por entre lágrimas... tarde que recordas no coração tudo quanto ele amou, tudo aquilo que gozou; e trazes como saudades de um prazer futuro que a alma vagamente almeja, e almeja sempre...

Oh! tarde de janeiro - quanto encanto, quanta poesia! Quem fora feliz para poder-te cantar...

Mas, eu, eu não sou! Sou uma destituta escrava da sorte, uma mísera poetisa, cuja lira estalou ao choque da desventura... Não te posso cantar; guardo porém a tua lembrança.

Guimarães 1º de fevereiro de 1873

Eu nunca tive a louca pretensão de possuir no céu uma só estrela. Um dia alguém disse-me apontando-me para a melancólica estrela que acompanhava a lua - ves a tua estrela? Tu és a lua, e aquela que a segue é lua.

Sim, eu sou a lua: - se Deus negou-me dela a beleza, o nítido albor, e o magnífico esplendor de formosura deu-me uma melancolia, sua palidez; e como ela a divagar no céu, deu-me que ^{ooo} divagasse na terra; cismando como ela, à noite, meditando saudades, e tristezas como ela medita.

Eu sou a lua, mas aquela estrela!... Não, eu não tenho uma estrela! A minha caiu há muito, e sumiu-se no nada. A estrela que acompanha a lua, é plácida e serena como ela, tem como ela amor e poesia, devia ser a minha porque eu sou a lua; mais não - eu não tenho uma estrela!

Se é sorte sua seguir-me, que me diga; mas eu não a vejo - porque a minha há muito que caiu e se sumiu no nada...

Esta estrela que me emprestaram é bela, poética e merencória como a lua; mas não é minha - a minha caiu há muito, e se sumiu no nada!...

Guimarães 2 de fevereiro de 1873

UMA LEMBRANÇA

Deus quis que eu visse, um dia, um dos seus anjos adormecidos, no regaço álgido da morte: um dos anjos, que apenas se apartam um instante

do seio, e nostalgia mórbida as arrebatava e transportava ao éden da bem-aventurança: - um dos seus anjos, que adormeceu para sempre sobre a terra, porque despertaram no céu, ao som da poética harmonia dos cânticos celestes.

Eu vi esse anjo, era uma donzela pálida e irregulada pelo bafejo da morte, mas mesmo assim, era tão bela que inspiraria interesse a todo o peito, que não fosse de mármore. Com os olhos cerrados ela não via já os extremos da irmã, que a idolatrava: - o peito frio e inerte, não estremecia convulso, ao som magoado dos soluços fraternais.

Parece que ainda vejo. Havia no seu rosto uma expressão indefinível, um quê de místico e sedutor, que fazia nascer as crenças na alma já fria pelo ceticismo do século. Era o dia quinze de maio, pelo meio-dia, quando o anjo pálido da morte, no seu eterno divagar, sobraçou em suas asas de candidez deslumbrante o anjo meigo que gemia na terra as saudades do céu.

E sua irmã quase enlouquece de dor.

Se em razão do homem não houvesse um quê que se lembra a cada hora, um Deus, e que nos diz que em nós existe parcela desse mesmo Deus bastaria para cre-lo ver, como eu vi essa virgem que depois da suprema agonia de uma morte lenta, tinha estampado no rosto um sorriso beatífico. Lançaram-lhe flores de envolta com as lágrimas de sua irmã, e sobre sua memória a palavra.

(sem data e lugar)

Souvenir!

Isidoro!

Vou render-te um tributo. Merecido e ele; é o singelo tributo de uma lágrima...

Isidoro! tão breve deixaste a vida transitória... tão cedo te escondeste no seio do sepulcro... tão breve buscaste a morada do descanso; como se neste mundo para ti só houvessem urzes e abrolhos...

Hoje te procuro entre os vivos, e nem tua sombra vaga à noite iludindo os olhos que te procuram... porque teu corpo se encerrou na campa, e teu espírito singelo foi caminho de seu Deus!

Quantas vezes o sol tem refluído seus raios luminosos sobre teu leito de repouso eterno desde o dia dez de abril, até hoje vinte oito de maio - quanto pranto a aurora tem derramado sobre terra endurecida do teu sepulcro - quantas vezes a lua pálida e comovida lhe há estendido o manto algente, e

glacial; e eu que vivi contigo, nos anos dos sorrisos, e nos anos também em que tudo se converte em prantos; eu que denotava afeto quase fraternal; apenas hoje pude gravar teu nome nas páginas deste livro.

Mas, olha, aqui é que está o nome de minha mãe, que também voou para Deus, daquela que eu amei, mais que a mim própria, - daquela que foi também a tua segunda mãe... e a prova mais sincera da amizade que te dedicava, é da saudade que deixaste para sempre em minha alma.

Adeus, Isidoro, adeus... até o dia em que Deus nos reunir no Céu, onde vives com os anjos em doce paz. Adeus!

maio 1872

Hoje vinte oito de maio partiu daqui seu Luís Cordeiro em viagem para a Europa. O adeus de uma pessoa que a amizade nos torna cara, enche de saudade a nossa alma.

A saudade é um espinho que dilacera; mas não mata. É o alimento da alma sensível...

Ah! eu amo a saudade!

Salve! oh! dia 29 de novembro! Salve!

Tu que restituíste ao Cumã um filho que por seis meses peregrinou na Europa debes ter aqui uma saudação grata...

Tu restituíste o seu Luís Cordeiro aos braços da mãe extremosa e à pátria que a aguardava com ansia. Eu te saúdo ^{ooo} dia! E eu também i vi; e senti íntima, satisfação; porque o vi. Romeiro da saúde, ele conheceu um pedaço do velho mundo; mas seu coração não se prendendo a ele, as saudades da pátria o chamavam ao seu belo Cumã, e ei-lo entre nós.

Guimarães 29 de novembro de 1872

O ÁLBUM

O álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremosos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações.

E também o nome daquelas pessoas que nos são gratas, que nos inspiram simpatia que nos cobram sincera amizade deve escrever-se aqui.

Pois bem; - é por isso que vou dedicar ao ^{ooo} Teodoro José da Silva Bessa esta página do meu Álbum.

Seu trato fino, e delicado, suas maneiras afáveis e cavalheirescas, a singularidade, e a amabilidade de sua conversação, tudo nele enfim induz a amar sua companheira, e a sentir saudades na sua ausência.

Ele voltou ao seio da sua família no dia quatorze de novembro; mas ficou gravado seu nome, e sua lembrança no coração de todos que o conheceram de perto, como eu o conheci.

Foi ali, nas amenas, e gratas praias de Cumã, onde no dia dez de setembro deste mesmo ano, pelas cinco horas da tarde, eu o vi a vez primeira: - vinha em companhia das Cordeiros, minhas íntimas amigas - e trazia consigo sua prima D. Glória, cuja recordação me é igualmente agradável.

Ele, pálido e enfermo, vinha procurar saúde, nos salitrosos ares de Cumã, e de feito a encontrou. E encontrou ainda mais; - a afeição sincera dos que o viram, e... os extremos, quem sabe? daquela que tão amarga lhe tornou a separação de ontem!... E eu não podia deixar de estimá-lo; porque a par de todas as suas belas qualidades está ainda a extremosa dedicação de sua alma, àquela que eu também, amo como irmã.

Que Deus lhe conceda a felicidade, que sua saúde não se altere, e que ele seja sempre digno da estima geral, e dos extremos da gentil donzela que vibrou de sua alma a corda mais poética, e sensível, - que acordou em seu coração adormecido a fibra mais íntima do sentimento grato - o amor -

Guimarães 15 de novembro de 1872

RECORDAÇÃO E LÁGRIMA

Sol de vinte e sete de fevereiro, sol de hoje, para que saíste?! Vens insultar a minha dor?...

Ah! quantas lágrimas minha tem bebido teus raios abrasadores; e ainda não farto delas, vens de novo cobrar prantos que o tempo ainda não pôde condensar no coração...

Triste - doloroso aniversário, vinte e sete de fevereiro, enlutaste para sempre meu coração, dilaceraste para sempre os seios de minha alma, tornaste-me a vida um martírio pungente.

Sol de vinte e sete de fevereiro, por que saíste hoje?!.....

E desde então eu converti minhas lágrimas em cantos - cantos mais amargos, mais doídos que a própria morte.

E entretanto os sons de minha harpa gemebunda jamais despertam as pulsações de meu Deus, antes a morte.

1873

Ah! parte, e voa, atende a voz do Céu que te diz:

ooo Não olhes a mágoa, a dor, a saudade, que aqui deixas, elas te seguem ao túmulo, e guardadas no santuário de meu peito, hão de sempre repetir teu nome!

Guimarães 13 de junho de 1876

1º de julho - domingo pelas 2 horas da madrugada, no Iate "Mondego", Doroteu embarcou para a capital.

Deus o faça feliz Amém.

Foi no domingo - 15 de abril de 77 pelas 8 horas da manhã, que seguiram na "Flor do Cumã" - para a capital, Dindinha, Balduina ooo Otávia. Eu segui-as com a alma. Deus as faça aí felizes. Amém.

Quantas cenas de morte têm enlutado nossos corações neste fatal mês de junho de 77!... No dia 2 morreu Valentina de Azevedo, no dia 14 sua irmã Dudu. Clemente nodia 15, e no dia 18 seu Mundico Serrão. A terra lhe seja leve!...

ooo

Hoje 20 ainda uma outra deixou a vida - Candinha de Azevedo! Que fatalidade persegue esta família...

ooo

Casaram-se no dia 25 de junho de 1878 na igreja da matriz desta vila os meus prezados afilhados D. Amélia dos Santos Cordeiro com Jerônimo H. F. Cordeiro. Deus abençoe sua união, e os faça felizes.

ooo

No dia 10 de junho fiquei com uma garrafa de leite.

ooo

Otávia e Mariazinha embacaram com as Velosos para Pericumá as 10 horas da noite do dia 25 de julho de 1879.

ooo

Mundico de Seu Silvino morreu na terça-feira dia 4 de novembro de 1879, pelas 2 horas da madrugada. O de Ana Paca no dia 2 do mesmo mês, e a de seu João Damaso no dia 9, e sepultou-se a 10. Três anjos de dois a nove.

ooo

Adelsom, filho de Sinhá, nasceu a 24 de maio de 1833, numa quinta-feira, dia de Corpo de Deus. Criança gentil, simpática, bonita. Não se criou. Morreu a 21 de novembro do mesmo ano. Estava há onze dias com erisipela nas pernas; ^{oo} por efeito de ópio em grande quantidade. Uma hora depois que tomou a droga fatal caiu em espasmos, e torpor, e doze horas depois expirou.

Dum funesto, e triste engano
Foi a vítima inocente:
Foi triste rosa esfolhada
Sobre uma campã recente;
Sons plangentes de uma lira
Que ^{ooo} de dor suspira

Adeus, meu doce anjinho, adeus Adelsom!
Águiãnevada, remontando aos Céus;
Nunca da terra uma lembrança amarga,
Ledosfolgares, ledos brinços teus.

Otávia embarcou, e Sinhá, de viagem para a capital no vapor "Maranhão", a 28 de maio de 1884. Zufla também foi e voltou com o pai a 5 do mesmo. Guilhermina chegou bastante mal a 24 de julho. Marios e Miguel foram buscar no Maçaricó. Otávia chegou aqui a 12 de setembro, e voltou no "Gurupi" a 25 de novembro ^{ooo} de 84.

SAUDADE

Esta página lutuosa, e sentida, é um tributo de sincera amizade à memória da infeliz Guilhermina! Com as flores da amizade lhe enastro a campã tão silenciosa, tão erma!...

Uma enfermidade prolongada, e afiliva, consumiu-lhe a vida de 50 anos... Morreu a 5 de novembro de 1884 numa quarta-feira pelas duas horas da tarde; seu cadáver desceu à sepultura aí pelas quatro horas da tarde. Dediquei-lhe amizade sincera desde os seus, e os meus primeiros anos. A

terra lhe seja leve!

Descansa no sepulcro, irmã querida,
Filha do Céu, remonta à essência.
Descansa das fadigas desta vida;
Desta penosa, e ardida existência!

ooo

Leude, filho de Mariazinha nasceu a 12 de outubro de 1883, numa sexta-feira, pelas 3 horas da manhã, batizou-se a 20 de abril de 84, dia de São Benedito. Foram padrinhos Teodoro da Silva Bessa, e Maria Amália da Costa Goulart.

VANDOCA - E ZUZU - E OTON

Vanda, filha de Otávia, nasceu a 7 de setembro de 1887 pelas 11 horas da noite.

Zuzu, filha de Sinhá, nasceu a 25 de outubro do mesmo ano de 87, pelas 7 horas da manhã.

Andaram ambos depois de completo o 1º ano.

Oton, filho de Otávia, nasceu a 7 de dezembro de 1881, pelas 6 horas da manhã, batizou-se no 1º de maio de 1883 principiou a andar a 11 de fevereiro de 1884.

ooo

A minha querida Vandoca seguiu para a capital, acompanhada por Mariazinha no "Pensador" na madrugada do dia 9 de fevereiro de 1886, só lá chegaram as 3 horas da tarde, e desembarcaram as 5. Voltaram em 21 de maio do mesmo ano.

ooo

Vandoca e Leude acompanhados por Mariazinha seguiram no vapor "Colombo" a 22 de dezembro de 1886.

Miguel embarcou aqui no "Império" a 30 de novembro de 1884, com 17 anos de idade. Permaneceu na capital do Maranhão 2 anos e seguiu para o Sul a bordo do vapor "Purus" a 10 de dezembro 1887. Deus e N. Senhora o protejam, e o abençoem.

Miguel de volta do Sul chegou à capital a bordo do Purus a 10 de dezembro 1888, e seguiu para o Norte no mesmo navio a 14 do mesmo mês, e ano.

Aqui, e em qualquer parte, Deus o abençoe.

Vandoca seguiu para a capital, no vapor Cabral, a 11 de abril em companhia de Sinhá. Lá chegaram a 12. Oton seguiu com Mariazinha a Leude, a 2 de dezem-